

Brasil

Economia vai bem, diz Aguiar

"A economia brasileira está bem e este ano pode ser melhor que o ano passado. Basta que o agricultor tenha condições de produzir e preços mínimos para assegurar a comercialização. No Brasil há uma regra que sempre foi válida: quando a agricultura vai bem, a economia também vai bem." Essa é a opinião de Amador Aguiar, presidente do Conselho de Administração do Grupo Bradesco. Neste início de ano, ele não identificou nenhum indicador de que a agricultura será prejudicada. Nem mesmo a retirada parcial dos subsídios ao crédito. "A agricultura não precisa de subsídio; precisa de preços compatíveis e de crédito."

Mas e a indústria? "Também poderá ir bem desde que eles (o governo) não cometam alguma besteira." Amador Aguiar deixa claro que a recessão é a principal "besteira" ao dizer que entre recessão e inflação alta é preferível a segunda hipótese. "Com a inflação o Brasil já aprendeu a conviver, mas recessão não ajuda em nada. O mais importante é trabalhar e produzir", acrescenta, numa referência ao lema do Bradesco de que "Só o trabalho produz riquezas".

A tese de que a agricultura é o termômetro da economia não caiu por terra em 81, embora, pelos dados oficiais, tenha ocorrido um expressivo crescimento agrícola e uma redução do Produto Interno Bruto. "O que interessa é a situação do País e não essa preocupação com índices, se foi mais 3% ou menos 3%", acrescenta,

sem todavia classificá-la como recessão, que ocorreu em 81.

REDUZIR MORDOMIAS

Amador Aguiar tem um conselho para as empresas que alegam dificuldades: "É preciso trabalhar mais e acabar com as mordomias. Aqui no Bradesco não existem carros pagos para a diretoria. Tenho guardas na minha casa, mas quem paga sou eu, não o Bradesco". Ele acha que se houvesse menos mordomias as empresas estariam em melhores condições. Que empresas? "Todas, os bancos também."

A aversão por mordomias é visível na Cidade de Deus, sede do banco. Poucos carpetes, decoração sóbria, ausência de ar condicionado em vários compartimentos. Além disso, na sede do maior banco privado nacional, os diretores não dispõem de secretárias e salas particulares. Diretores e vice-presidentes trabalham ao redor de duas grandes mesas, sem gavetas, apoiados por uma equipe de secretárias que também trabalham em conjunto.

Amador Aguiar admite que as altas taxas de juros complicam a vida das empresas e até admite o tabelamento dos juros como solução para o problema, mas com uma condição: "O custo dos empréstimos em cruzeiros tem que continuar mais alto que o dos empréstimos em moeda estrangeira porque o Brasil precisa tomar recursos externos". E as sugestões que apareceram até agora para compatibilizar taxas externas e internas — como contingenciamento ou um tratamento fiscal diferenciado — são, segundo ele, artificialismos que não funcionam. Aliás, "um dos grandes problemas da economia brasileira — diz Amador Aguiar — é exatamente o excesso de artificialismo".